

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

GABRIEL SOUTO MAIOR THOMPSON VIEGAS

O ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA:
UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

2023

GABRIEL SOUTO MAIOR THOMPSON VIEGAS

O ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA:
UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Geografia da Universidade Federal do
Rio de Janeiro como requisito para a obtenção
parcial do título em licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof.a Dra. Ana Angelita Costa Neves
da Rocha

RIO DE JANEIRO

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

V118e Viegas, Gabriel
O ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM
ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO / Gabriel
Viegas. -- Rio de Janeiro, 2023.
45 f.

Orientadora: Ana Angelita Orientador: Prof.a
Dra. Ana Angelita Costa.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto
de Geociências, Bacharel em Geografia, 2023.

1. Geografia. 2. Educação. 3. Ensino Público. 4.
Ensino à Distância. 5. COVID-19. I. Orientador:
Prof.a Dra. Ana Angelita Costa, Ana Angelita,
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

GABRIEL SOUTO MAIOR THOMPSON VIEGAS

O ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA:
UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Geografia da Universidade Federal do
Rio de Janeiro como requisito para a obtenção
parcial do título em licenciatura em Geografia.

Aprovada em: 18/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: Roberto Marques

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Dedico este trabalho a Deus, causa e consequência de tudo e todos e que me deu forças para seguir até o fim.

À minha família, em especial, minha prima, Luiza, minha melhor amiga, minha inspiração, minha heroína e fiel companheira de todos os momentos.

A Lorena, minha mãe, que me ensinou os valores que carrego comigo até hoje.

A Aline, minha tia, que me mostrou a importância de estudar.

A Rejane, minha avó, que me acolheu com todo o carinho e ternura que um coração humano pode oferecer.

Dedico também a Wanderley Gonçalves, meu professor de física do Ensino Médio que, mesmo que inadvertidamente, semeou, em mim, a vontade de mudar o mundo, mesmo que um aluno por vez.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho contou com a ajuda de diversos colegas, professores e instituições, dentre as quais, agradeço:

Aos professores orientadores e aos colegas da Universidade Federal do Rio de Janeiro que me acompanharam, apoiaram e motivaram a concluí-lo.

Aos professores do Colégio de Aplicação do Rio de Janeiro, em especial, a professora Paula Fernandes, que permitiu que acompanhasse o cotidiano de suas aulas durante dois anos para a elaboração deste projeto.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho visa traçar uma análise do progresso escolar do oitavo ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da UFRJ com o avanço da pandemia de COVID-19 pelo Brasil e pelo mundo e como este evento impactou no sistema de ensino público, a partir de um estudo de caso realizado por meio de um acompanhamento dos encontros virtuais e remotos de uma turma que já havia acompanhado presencialmente, tendo como referência seu antes e depois da pandemia. Conta com acompanhamentos em sala de aula de maneira remota ao longo do período de um ano letivo, além de conversas periódicas com a professora regente da turma e de uma entrevista com a mesma após o fim do processo a fim de trazer um balanço e um panorama geral das consequências da utilização de um modelo remoto e virtual no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes do sistema público de ensino e possíveis alternativas e estratégias, abordagens e metodologias para diminuir este impacto.

Palavras-chave: Ensino Remoto; Projeto Interdisciplinar; Pandemia; COVID-19; Colégio de Aplicação; Geografia e Escola.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the progress of the eighth grade of elementary school at UFRJ's Colégio de Aplicação with the spread of the COVID-19 pandemic throughout Brazil and the world and how this event has impacted the public education system, based on a case study carried out by monitoring the virtual and remote meetings of a class that had already been monitored in person, with reference to its before and after the pandemic. It brings the observation of classes remotely throughout one schoolyear, besides periodical conversations with the teacher of the class and an interview with her after the process to bring an overall view of the consequences of utilizing a remote and virtual model in the process of learning of kids and teenagers from the public school system and possible alternatives, strategies, approaches and methodologies to reduce this impact.

Keywords: Remote Teaching; Interdisciplinary Project; Pandemic; COVID-19; College of Application; Geography and School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Material produzido pela equipe de geografia para o oitavo ano de 2020 de maneira remota. Fonte: Google Classroom (2020).. **21**

Figura 2 - Material produzido pela equipe de geografia para o oitavo ano de 2020 de maneira remota. Fonte: Google Classroom (2020).. **22**

Figura 3 Material produzido pela equipe de geografia para o oitavo ano de 2020 de maneira remota. Fonte: Google Classroom (2020).. **23**

Figura 4 - Estimativa por região do percentual de domicílios com acesso à Internet no Brasil. Fonte: IBGE – Diretoria de Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **31**

Figura 5 - Crescimento do Ensino a Distância em cursos superiores no Brasil. Fonte: Associação Brasileira das Mantenedoras das Faculdades, 2020..**32**

SUMÁRIO

- 1. INTRODUÇÃO 12**
 - 1.1 O modelo Iluminista dá sinais de defasagem 12
- 2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA 15**
 - 2.1 Objetivo Geral 15
 - 2.2 Objetivos Específicos. 15
 - 2.3 Justificativa 15
 - 2.3.1 Hipótese inicial 15
- 3. METODOLOGIA 17**
- 4. O CAp: DA MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA À FORMAÇÃO PROFISSIONAL 18**
 - 4.1 O CAp em minha vida 18
 - 4.2 Contexto do projeto: da turma às condições de trabalho 21
 - 4.3 Transição para o modelo remoto e projeto interdisciplinar 23
- 5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO REMOTO 27**
- 6. O PROCESSO PRODUTIVO DO PROJETO 28**
 - 6.1 O reencontro com o, agora, oitavo ano nas dadas condições de ensino on-line 30
 - 6.2 A reação do oitavo ano às novas condições de sala de aula 38
 - 6.3 Interdisciplinaridade: desafios e objetivos 40
 - 6.4 Os principais desafios enfrentados com o oitavo ano à distância 43
- 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 44**
- 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 45**

1. INTRODUÇÃO

Em tempos de virtualização, dinâmica e conexão, a transição dos meios de trabalho e educação para o meio remoto parece inevitável, assim como já vem ocorrendo com os meios de comunicação.

No entanto, quando foi necessário implementar todas as técnicas e tecnologias há tanto prometidas pelos meios informacionais, vimos uma defasagem e, em última instância, uma tradução dos métodos antigos para as redes, como se fossem cópias das salas de aulas tradicionais, apenas diante das câmeras.

Sendo assim, faz-se necessário questionar como e por quê da ascensão e queda deste modelo. Para isto, este estudo será dividido em três partes, para melhor descrever as etapas do processo. A primeira parte trata das especificidades da escola, das considerações prévias e de meu próprio passado com a escola, uma vez que fui aluno e estagiário na mesma.

A segunda, trata das turmas do oitavo ano e suas peculiaridades. Como foram impactadas pela súbita e imprevisível transição para o modelo remoto e tratar de todas as questões que permeiam este assunto.

Por fim, trarei uma entrevista narrativa com a professora regente das turmas e considerações sobre as condições deste modelo para docentes e discentes a fim de discutir a questão: estamos prontos para um total distanciamento nas relações humanas no que se refere à educação?

O Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp UFRJ), situado na rua JJ Seabra, no bairro da Lagoa, tem, por tradição, rever e reavaliar as estruturas impostas por projetos pedagógicos públicos, de maneira geral, conferindo-lhes, assim, caráter crítico, autônomo e pensante, abstendo-se o direito de escola enquanto organismo reprodutor de lógicas imperantes pelo status quo, mas ensinando conteúdo aliado à praticidade, exploração do saber e seu por quê e como, permitindo que seus estudantes adquiram uma perspectiva mais completa e estruturada de fenômenos naturais e antropológicos, sendo capazes de opinar sobre suas causas e consequências.

Enquanto ex-aluno e ex-estagiário do colégio, procuro abordar o desenvolvimento de um ano letivo ao lado do oitavo ano, turma a qual acompanhei em meu estágio, com a professora Paula Fernandes, minha orientadora de estágio e coorientadora de projeto de monografia.

Ao longo deste ano, a professora engajou-se em encontros disciplinares síncronos e assíncronos, trazendo duas frentes à disciplina geográfica: uma regular e estritamente geográfica e outra assíncrona, mesclando conhecimentos sócio espaciais com conhecimentos biológicos e sócio anatômicos.

Aliada das disciplinas biológicas e de estudos da educação física, a professora trouxe as diferentes abordagens de cada disciplina em encontros semanais, os quais serão abordados neste projeto, no entanto com enfoque mais dedicado às perspectivas geográficas.

A proposta das três disciplinas fora de elaborar um estudo sobre o corpo humano, em sua propriedade anatômicas, biológicas e geográficas e seu comportamento no processo de aprendizado.

Vale ressaltar que a professora Fernandes conduziu, simultaneamente, outros projetos, como o projeto de Guerra Fria, com o oitavo ano, que obteve resultados mais dinâmicos, participativos e melhores desempenhos do que o esperado, dadas as condições de quarentena e encontros síncronos e assíncronos de maneira remota, por meio de jogos e atividades lúdicas. No entanto, nosso recorte temático é o estudo do corpo humano pelas frentes científicas, em especial pela frente geográfica.

1.1 O modelo Iluminista dá sinais de defasagem

Podemos observar a partir dos anos 2010 o surgimento das primeiras vídeo aulas online, aulas à distância, chamadas ao vivo, aulas semipresenciais. Diversos modelos foram criados para atender a uma demanda crescente de alunos e responsáveis interessados no que se prometia ser o ensino do futuro.

No entanto, devido a uma eclosão pandêmica de proporções poucas vezes vistas anteriormente no ano de 2020, o ensino do futuro foi adiantado para o presente e inúmeros colégios e universidades por todo o país elegeram o melhor modelo para darem continuidade ao seu ano letivo.

Um destes é o Colégio de Aplicação da UFRJ, objeto de estudo desta dissertação, onde pretendo acompanhar um projeto interdisciplinar que trata do papel do corpo no espaço, segundo a perspectiva geográfica, em específico, no tocante a questões regionais, nacionais e à questão feminista e a relação corpo-espaço-sociedade, sob o acompanhamento da professora Paula Fernandes.

Este desenvolvimento das tecnologias permitiu que, em tempos de pandemia, como a crise do COVID-19, pudéssemos nos comunicar, relacionar, trabalhar e lecionar à distância, evitando riscos e contágios. Por outro lado, também expôs uma faceta pouco vista ao grande público: o despreparo do modelo de ensino brasileiro mediante a adoção de novas ferramentas e sistemas e a repaginação do mesmo modelo em novas roupagens com o nome de Ensino à Distância por parte de muitas instituições.

Tendo em vista uma questão de proporções globais e um problema sistêmico a ser reparado, faz-se necessário repensar o modelo de ensino à distância, ou, ao menos, repensar as estratégias que se utilizam para lecionar por meios virtuais para evitar o distanciamento dos alunos das escolas, em uma conjuntura na qual não possam frequentar presencialmente as aulas.

2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

2.1 Objetivo Geral

Análise de processos pedagógicos e das práticas docentes do ensino de geografia, durante a pandemia, com recorte no oitavo ano do Colégio de Aplicação UFRJ a fim de confirmar ou refutar a hipótese original deste trabalho.

2.2 Objetivos Específicos

Observação, elaboração e descrição de atividades ao lado da professora regente da turma do oitavo ano, Paula Fernandes em suas aulas, sob a perspectiva geográfica e pedagógica, no que toca às inovações curriculares exigidas durante o período excepcional da pandemia.

Elaboração de um caderno de notas sobre as aulas da professora a fim de construir, em parceria com a mesma e sua equipe, uma fonte que documente o período excepcional da escola.

2.3 Justificativa

Os avanços técnicos, científicos e informacionais desde o fim do século XX vêm transformando profundamente as relações sociais em diversas escalas. Uma antiga promessa diz respeito a uma suposta “virtualização” da educação, que prometia democratizar o acesso ao ensino de maneira mais homogênea pelo país.

O avanço da pandemia de COVID-19 em 2020 parecia ser o momento perfeito para começar esta transição operacional para uma educação on-line. No entanto, os resultados fugiram às expectativas.

Em um mundo crescentemente tecnológico, a transição digital se apresenta como alternativa, porém traz seus próprios problemas. É necessário compreender como se forma e como se apresenta esta proposta para elaborar melhores estratégias e soluções em sua implementação.

2.3.1 Hipótese inicial

A proposta deste texto reside no pressuposto de que a qualidade da educação, mesmo diante de uma crise global, exige a criatividade, a autonomia e a integração do corpo docente, como foi o Colégio de Aplicação, que fizeram a diferença para dirimir os impactos da pandemia nos processos pedagógicos. Com efeito, se faz necessário sublinhar o envolvimento integral dos professores para superar os desafios das condições materiais e imateriais, assegurando a qualidade do oitavo ano do colégio, tanto nos encontros síncronos e atividades assíncronas. O que faz deste colégio e desta equipe um ponto fora da curva do ensino público brasileiro.

Em um cenário pandêmico, em que relações pessoais e profissionais foram afetadas, o mesmo se deu com relações escolares. Desta forma, o ensino brasileiro teve de se adaptar às novas demandas e questões impostas por ordens de saúde global da melhor maneira possível, o quanto antes.

Sendo assim, a elaboração de novas estratégias de ensino é fundamental para a manutenção do interesse e do rendimento dos alunos no ambiente virtual. BEHAR

(2009) diz que o modelo de ensino vigente tecnicista, voltado para o mercado de trabalho é pouco tangível para os alunos e, portanto, pouco desperta seu interesse, a menos que muito específico, caso de um aluno que já saiba que quer trabalhar com matemática desde cedo, afastando-os da sala de aula. Este processo apenas se intensifica de maneira natural em um distanciamento social, se não observado e reparado a tempo.

BEHAR (2009) também afirma que estamos em vias de um processo de informatização da educação que preza o “desenvolvimento das competências e habilidades e respeito ao ritmo individual”, que gera um “espaço heterárquico”. Este processo em curso, intensificado com as dinâmicas impostas pelo contexto pós-eclosão dos primeiros casos do COVID-19 deve ser estimulado e aprimorado para respeitar as individualidades de cada aluno e criar turmas heterogêneas em que os diferentes se respeitem e convivam e aprendam juntos, da mesma maneira que o Colégio de Aplicação tem por filosofia enraizada em sua proposta didática, o mesmo deve ser transposto para o ambiente virtual.

Podemos inferir que, dadas as condições sanitárias, toda a sociedade global passou por profundas transformações e o mesmo ocorreu com as diversas instituições de ensino. Meu objeto de estudo, neste trabalho, é o Colégio de Aplicação e como este se adaptou à nova realidade virtual. Procurarei descobrir até que ponto a essência do colégio, filosófica, questionadora e de caráter progressista e vanguardista foi afetada pela adesão do meio digital de ensino, por meio do projeto interdisciplinar das disciplinas geográficas, biológicas e anatômicas da educação física discorrendo sobre o papel do corpo na sociedade.

Faz-se necessário estudar e conhecer mais a fundo o modelo virtual de ensino para se preparar para uma eventual transição integral para os meios digitais e, concomitantemente, fazê-la da maneira mais igualitária possível, permitindo acesso a todos e todas aos meios de comunicação para exercerem seu direito à educação.

3. METODOLOGIA

Para a elaboração e conclusão deste texto, foram adotados procedimentos qualitativos para valorizar a experiência prática, ao máximo, no caso o acompanhamento do projeto curricular do oitavo ano e, simultaneamente, o projeto interdisciplinar paralelo da professora Paula Fernandes com as suas turmas, ao passo que alguns dos tempos de aula foram dedicados a aulas síncronas e remotas, enquanto outros, a projetos de extensão assíncronos e/ou interdisciplinares.

Este acompanhamento das aulas à distância no ano de 2020, após meu estágio e regência em licenciatura plena de geografia, no ano de 2019, se deu com o intuito de observar o desenrolar de um modelo de ensino que ainda engatinha e como os alunos e a professora reagem e se adaptam às diversas intempéries passíveis de ocorrer em cada aula, como quedas de conexão, entre outras.

Foram realizadas duas entrevistas qualitativas semiestruturadas, ao fim do projeto, com a professora após o período de acompanhamento de aulas à distância como panorama final das aulas e seus resultados. Nestas entrevistas, procurei compreender o processo de adaptação e as contraposições justapostas dos dois modelos abordados no estudo: o modelo tradicional e o modelo à distância observado em aulas com a professora Paula Fernandes e o oitavo ano.

Na primeira, meu foco era entender a percepção da professora sobre a transição do ensino presencial para o remoto. Considerei neste primeiro movimento, suas análises sobre as condições de trabalho neste novo contexto. Na segunda, nos debruçamos sobre os efeitos desta transição sobre os alunos.

Importa observar que ambas as entrevistas aconteceram durante o primeiro semestre de 2021 e foram realizadas via vídeo chamada pela plataforma Google Meet. A professora concordou em ceder seu tempo para esclarecer algumas dúvidas e contribuir com o desenvolvimento deste projeto.

As entrevistas narrativas fluíram livremente, como um diálogo, com poucas e breves perguntas, deixando a professora confortável e à vontade para se expressar sobre temas abertos pertinentes e referentes ao amplo campo da educação, norteados pelo oitavo ano, o qual havia acompanhado.

Em função da densidade das respostas, transcrevi na íntegra a entrevista para livre interpretação de todos os leitores, que estará disponível ao longo desta dissertação

Foram abordados diversos temas como o currículo programático do oitavo ano, mediante as transformações curriculares recentes com a BNCC, o período de transição, as diferenças no planejamento e execução de planos de aula, a reação e recepção das turmas às atividades propostas e a resposta das turmas à nova realidade.

4. O CAP: DA MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA À FORMAÇÃO PROFISSIONAL

4.1 O CAp em minha vida

O Colégio de Aplicação da UFRJ foi meu eixo de formação. Foi onde cresci e aprendi valores escolares e morais e sociais. Foi onde tive contato com colegas e grandes amigos de diferentes realidades, o que me permitiu compreender a magnitude das disparidades que existem no Brasil, em todos os aspectos.

Comecei o projeto de acompanhamento remoto da disciplina e de seus projetos interdisciplinares paralelos com muitas expectativas, afinal, fora aqui que me formei cidadão e aqui que dei um grande passo para minha docência, realizando meu estágio em sala de aula com a professora Paula Fernandes no, então, sétimo ano.

Muitas incertezas, no entanto, rondavam minha cabeça. Como seria a reação do corpo docente e discente mediante meu retorno? Seria possível realizá-lo? Seria benéfico para todos? O que poderia agregar para o, agora, oitavo ano?

Uma certeza, no entanto, sempre me manteve centrado: Não importando as circunstâncias, seja como aluno, licenciando ou formando, o CAp sempre foi e sempre será o meu lar. Ele que me abriu as portas para a UFRJ e para o mundo e me apresentou alguns dos grandes amigos que mantenho até hoje, fora as inúmeras experiências, que faço questão de lembrar.

Uma de minhas grandes realizações na vida e de minhas grandes felicidades foi ter estudado nesse colégio. Tive uma oportunidade deveras privilegiada, que muitos de meus amigos de outras escolas não tiveram, o que pude perceber em 2015, quando realizei um pré-vestibular intensivo, como já estava preparado, diferentemente da maioria dos colegas.

Felizmente, fui agraciado com a vida escolar inteira passada no Colégio de Aplicação, e diferentemente de muitos casos abordados neste projeto, não passei por questões econômicas tais que me fizeram abandonar a escola.

Tampouco me vi absorto do estudo. Embora verdade seja dita que nunca fui extremamente adepto do mesmo, e muitos dos meus mais queridos professores, os quais pude reencontrar em 2019, período em que fiz estágio no colégio, podem confirmar entre risos e lembranças alegres.

Pelo contrário, se tive problemas com os estudos, os encarei como desafio para minha formatura, momento em que provei para mim mesmo que era capaz, momento do qual me lembro até hoje.

Tudo começou com um sorteio. Eu, que nunca havia ganhado uma rifa sequer em toda minha vida, acabara de ganhar, aos sete anos, o bilhete dourado. Lembro-me vagamente do ginásio da Cidade Universitária, onde eu e minha prima nos inscrevemos para o Colégio de Aplicação naquele ano de 2002. Nunca antes ou depois o destino me sorria tanto. Guardo, na distante memória de um menino de sete anos, que mal sabia o

que ali fazia, a imagem da professora e, então diretora, Militza, por quem tenho eterna gratidão dadas as circunstâncias que se desenvolveriam a partir dali.

E, então, minha família vibrando contidamente e eu apenas interessado em ir para casa brincar. Guardo aqui a consideração de que não tinha a real noção, até o fim do ciclo escolar, do quanto o colégio foi e é importante em minha vida. Trago até hoje muitos dos valores da escola enraizados em mim e correndo por minhas veias.

Lembro-me da minha primeira professora, “Tia” Lúcia e de tantas outras, Myriam Kayuka, que sempre me recebia com um sorriso, o qual eu timidamente respondia diariamente, Ágada, Marcos Pimentel, Maria Coelho Gabriel Lanhas, que me ensinaram a escrever poesias e acreditar no valor das palavras mais sinceras, Mario Ferraro além, claro, de Wanderley e Paulo Lívio, sobre quem poderia escrever um capítulo inteiro.

Minha trajetória no CAp nem sempre foi a mais exemplar. Não me considero mau aluno, mas sim irresponsável e reconheço que era, por vezes, um tanto imaturo. Nunca fui o melhor aluno da sala, sempre gostei de conversar com meus colegas, a quem faço uma breve, porém emocionada menção: Rainer, Luiz “Botoca”, Mathews, Luca, Guilherme Frota, Guilherme Imia, “Luccão” Dias, “Jeffin” Bernardo, Ayrton Purificação, Alessandra Plastino e Pedro Peixoto, meus primeiros amigos na escola, com quem já vivi inúmeras aventuras na rua JJ Seabra.

Tendo dito isso, sempre gostei bastante de música e compunha em muitas aulas. Talvez, por isso mesmo, minhas notas não fossem as mais exemplares. Mas, com o agravar de questões pessoais em 2013, meu segundo ano, fui aprovado pelo conselho da escola, que me deu uma segunda chance no Ensino Médio. Cabia a mim fazer com que ela valesse a pena.

Chegado 2014, lembro-me claramente de duas brigas que ouvi dos professores Paulo Lívio, de geografia, e Wanderley, de física. Ambos, com toda razão, pedindo para que eu e meus colegas prestássemos atenção na aula. Começou ali o ano mais difícil e mais gratificante de minha jornada escolar. O ano em que tudo passou a fazer sentido. Quis provar para eles e para todos que eu era capaz de passar de ano e me formar sem precisar repetir os feitos do passado.

Dediquei-me mais às matérias, em especial a essas duas e, prestando atenção nas aulas de Paulo Lívio, me despertou o interesse pela geografia, que seria, futuramente, minha profissão. No entanto, física me parecia mais difícil e eu já havia começado o ano com o pé esquerdo com o professor.

Com toda a humildade, reconheci meu erro e pedi perdão aos professores e pedi ajuda ao professor Wanderley, que, com toda a doçura, bom humor e paciência que espero um dia ter em minha jornada docente, passava seus intervalos me dando aulas de apoio. Aprendi com Paulo Lívio, o valor da geografia e, com Wanderley, o valor da figura do professor e espero, um dia, ser como ambos.

Uma vez formado, havia uma cerimônia no CAp, em que os formandos presenteavam um professor com um troféu de reconhecimento. Prontamente, furei a fila e escolhi Wanderley. Nunca antes haviam acreditado em mim e lutado pelo meu sucesso como ele o fez e, mais uma vez, tenho apenas palavras de amor e gratidão por ele e por

todos os meus professores, que me fizeram admirar o valor da profissão. Aprendi e aprendo a cada dia com cada um deles, inclusive com as professoras Paula Fernandes e Ana Angelita Rocha, que me auxiliaram neste projeto para ser, mesmo que somente por um dia e somente para um aluno, tão importante e atencioso como todos foram nessa trajetória.

4.2 Contexto do projeto: da turma às condições de trabalho

Na seção anterior, tratei brevemente sobre meu histórico pessoal enquanto aluno do Colégio de Aplicação entre os anos de 2003 e 2014.

Nesta seção, foco na caracterização das turmas do oitavo ano do Colégio de Aplicação da UFRJ, que vinha acompanhando desde 2019, quando fiz minha regência no estágio obrigatório curricular. A escolha desta turma para compor meu objeto de estudo não foi por acaso.

Durante o ano de 2019, pude observar de perto diversas turmas antes de escolher uma em particular para meu exercício de regência e nenhuma me pareceu tão heterogênea, interativa, participativa, dinâmica e, honestamente, tão parecida com a minha turma quando fui aluno do colégio. O carisma inegável da turma aliado a uma nostalgia em poder ver a mim mesmo e a meus amigos naqueles estudantes foi de extrema importância para a escolha da turma.

Não somente a turma em si foi extremamente cativante como ambos os professores que, por lá passaram, são extremamente marcantes. Desde que a turma foi regida pelo professor Renato, já havia despertado meu interesse pelos motivos citados acima. No entanto, quando o mesmo teve de se ausentar por motivos pessoais, e, subsequentemente substituído pela igualmente excelente professora Paula, senti uma afinidade ideológica e metodológica que me motivou a prosseguir com minha escolha.

A caracterização da turma se desenvolveu nos seguintes aspectos: Para compreendermos o desenvolvimento do oitavo ano em período pandêmico, causado pela disseminação do vírus COVID-19, alastrado em escala global no primeiro semestre de 2020, há de se compreender, de antemão, quem é e como se comporta o oitavo ano e como interage com a professora Paula Fernandes.

O oitavo ano do Ensino Fundamental de 2020 do Colégio de Aplicação é uma turma inquieta, questionadora e altamente participativa. Desde que os acompanhei enquanto sétimo ano, em 2019, sempre trouxeram uma leveza e jovialidade diferenciadas das demais turmas que já conheci dentro e fora do Cap.

Sempre com largos sorrisos estampados no rosto e brincadeiras prontas para serem trazidas às aulas, acreditava-se ser uma turma “demasiadamente energética”. Isto serviu como desafio para que a professora e a equipe de estagiários (aqui mais conhecidos como licenciandos, pois estão em processo de conclusão da licenciatura) de 2019 elaborassem atividades que usassem a energia da turma como combustível para mover e motivar as atividades dentro de sala. Aqui, cabe uma menção honrosa, carinhosa e nostálgica aos queridos colegas Tomás, Breno, Lucas, Leandra, Mauro e, principalmente, Mayara, que estagiou no então sétimo ano de 2019 ao meu lado, com quem traçamos elaborados planos de aula para nossa regência avaliativa.

Desta forma, a turma sempre foi diferenciada e sensível de alguém que lhes desse o devido valor e acreditasse em seu potencial, e, referente a esta experiência, posso me identificar, pois lembro-me vividamente de momentos semelhantes em minha trajetória CAPiana, de maneira que preciso mencionar os professores Paulo Lívio, que me motivou a estudar geografia para provar-lhe meu valor e o professor Wanderley, que não desistiu de mim quando muitos já o teriam feito e me fez ver o valor que tem uma

relação amistosa, carinhosa e bem estruturada entre alunos e professores (o que selou minha determinação pela carreira didática).

Paralelamente, pude acompanhar in loco um processo semelhante entre o então sétimo ano e a professora Paula Fernandes em 2019, o que criou uma relação diferenciada entre a turma e a professora, em comparação aos demais.

No entanto, como seguir com o sétimo, agora oitavo ano, em um novo contexto? O ensino à distância imposto pelas medidas de segurança mediante ao agravamento nacional e global do coronavírus poderia influenciar a qualidade do ensino dentro e fora de sala de aula?

Confesso que fiquei ainda mais interessado em averiguar como uma das turmas mais empolgadas e participativas (por vezes até mesmo em demasia) reagiria à nova realidade virtual e como a professora trabalharia ao seu lado para extrair-lhes o melhor, conforme fizera previamente.

As variáveis eram muitas e a curiosidade científica me levou a entrar em contato com a equipe pedagógica, geográfica e com a professora para acompanhá-los novamente, desta vez em um novo desafio.

4.3 Transição para o modelo remoto e projeto interdisciplinar

A imprevista e imprevisível rápida expansão de cobertura sócio espacial do vírus COVID-19 tornou-se uma ameaça global. Desta forma, fez-se necessário que escolas e empresas adotassem o modelo remoto para manterem seus sistemas operacionais e não perderem seus progressos, prejudicando, assim, alunos e mercados.

Tratando propriamente do campo pedagógico, esta transição não foi sutil nem fácil. Na verdade, foi duramente criticada a metodologia adotada por diversas escolas para suprir a ausência do contato humano. Aulas gravadas, como vídeo aulas de monitorias e tutorias, entre outros, encadeiam a lista de críticas.

Dito isto, o mesmo não se aplica ao Colégio de Aplicação, de forma que eu mesmo acompanhei a transição e o incessante empenho da equipe em fazê-lo da maneira mais rápida e eficiente possível. Vale ressaltar que, conforme a professora Paula disse em determinado momento da entrevista, que será ressaltado ao final deste trabalho, a segurança empregatória do CAp, por se tratar de um colégio público, federal, respeitado, com uma boa remuneração, em que parte da equipe trabalha em dedicação exclusiva permite que essa dedicação exclusiva se reflita em momentos como este.

Em se tratando do oitavo ano e da professora Paula, ela coordenou projetos assíncronos, como o de Guerra Fria, em que os alunos se organizavam espacialmente pelo território global em uma atividade simultaneamente recreativa, semelhante ao clássico jogo de tabuleiro, ‘War’, mas extremamente ilustrativa do contexto pós II Guerra Mundial, em que as tensões globais se intensificavam gradativamente e um oligopólio ditava as regras do jogo.

Pude observar e participar, mesmo que ocasionalmente, da elaboração de atividades em ambos os modelos e também das atividades interdisciplinares, que reuniram os professores de Educação Física e Ciências Biológicas em discussões periódicas acerca do corpo humano, sua territorialidade e condições de vida.

Nestas aulas, um dos variados tópicos tratou de questões sócio espaciais e doenças passíveis de prevenção por melhores condições de habitação e como manter uma rotina saudável por meio de autoconhecimento de seus próprios corpo, metabolismo, exercícios e alimentação adequados. Vale ressaltar, também, a transversalidade dos temas abordados no projeto interdisciplinar, que tratou desde saúde a cultura e sociedade. Podemos ver na sequência alguns exemplos de materiais elaborados pelas equipes de Ciências Biológicas, Educação Física e Geografia para o projeto interdisciplinar:

2ª CHAMADA:
Prazo de entrega **30/11**
Valor: 3 pontos

PROJETO GUERRA FRIA

Assíncrona 1	Assíncrona 2	Jogo
Valor: 1 ponto	Valor: 1 ponto	Avaliação conjunta do projeto:
Redação sobre filmes com temática da Guerra Fria	Cartas com preparação para o jogo	MATEMÁTICA + DESENHO + GEOGRAFIA

AVALIAÇÃO POR CONCEITO

M	10 - 9 pontos
B	8,9 - 7,5 pontos
R	7,4 - 6 pontos
D	5,9 - 4 pontos
I	4 - 0 pontos

Figura 1 - Material produzido pela equipe de geografia para o oitavo ano de 2020 de maneira remota.

Fonte: Google Classroom (2020)

Futebol, nacionalismos e geopolítica

ARSENAL X CHELSEA | FINAL DA LIGA EUROPA >

Por conflito político, Arsenal anuncia que não levará jogador armênio à final da Liga Europa no Azerbaijão

Em comunicado, a equipe inglesa informou que Mkhitarayan não será relacionado para a decisão contra o Chelsea, em Baku, porque não garante a segurança do atleta da Armênia em território azerbaijano

- Henrikh Mkhitarayan, jogador armênio do Arsenal, não disputará a final da Liga Europa contra o Chelsea no próximo dia 29 de maio de 2019, no estádio Olímpico de Baku, capital do Azerbaijão. Segundo um comunicado publicado no site da equipe inglesa, Mkhitarayan não viajará ao país do leste europeu com a sua equipe porque não é possível garantir a segurança do jogador e de sua família durante a estadia em um país que se encontra imerso num conflito político com Armênia, onde o meia nasceu.



Pela 1ª vez na história, Globo transmitirá seleção feminina na Copa



Futebol feminino terá dia histórico com final em 4 plataformas: "Uma luta"



Futebol e questões de gênero: um esporte ainda machista em escala global

- Algumas transformações:
- Copa do Mundo feminina de 2018 transmitida pela TV aberta e com recorde de audiência; final do Brasileirão feminino de 2020 com mais plataformas de transmissão.

Figura 2 - Material produzido pela equipe de geografia para o oitavo ano de 2020 de maneira remota.

Fonte: Google Classroom (2020)



INTERDISCIPLINAR: A geopolítica da vacina

Boa tarde, amorecos!

Segue o podcast que pedimos para que vocês escutarem. Ele foi produzido pela Revista Piauí em parceria com um pesquisador da USP, "Luz no Fim da Quarentena" em outubro do ano passado.

Reflitam sobre:

* Quais países saíram na frente da produção de vacinas e qual o motivo?

* Quais seriam as relações entre os países que produzem as vacinas, aqueles que as compraram e os países em que os testes foram realizados?

* Por que podemos chamar essa "corrida pela vacina" de uma disputa GEOPOLÍTICA?

(trabalhamos esse conceito no nosso outro grupo, quem lembra?)

* O que nossa conversa sobre DESENVOLVIMENTO e SUBDESENVOLVIMENTO pode ter a ver com esse tema?

O podcast no youtube: https://www.youtube.com/watch?v=rZUBEOEYkYU&list=PLn_YkZF2TTNuuQKYzzq1QO-fU5_GQEZHn&index=4

O resumo escrito: <https://piaui.folha.uol.com.br/geopolitica-da-vacina/>

Fonte de dados do podcast: https://www.ft.com/content/e5012891-58da-4a4f-8a05-182adf3ba0e2?access_token=zwAAAXS8dm2AkdPIASiRWNPkT9OKBRgq3zua4aMFIICIHwIIIVhagalaxMkrvx17oF3NHma3

Figura 3 - Material produzido pela equipe de geografia para o oitavo ano de 2020 de maneira remota.

Fonte: Google Classroom (2020)

5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO REMOTO

A transição de um modelo para o outro se deu de maneira súbita e complicada. As novas condições de ensino impostas pela COVID-19 fizeram com que escolas tivessem de procurar novas maneiras de cumprir o conteúdo dentro do prazo e mantendo a mesma qualidade.

Como podemos ver nas palavras da professora, a liberdade criativa concedida ao corpo docente por parte do CAp permitiu que os mesmos trabalhassem de variadas maneiras, ora mais pragmáticas, ora mais alternativas. Essas oportunidades permitiram que professores e alunos concentrassem seus esforços em produzir conhecimento dentro dos limites do possível. Como solução, algumas equipes se propuseram a trabalhar em equipe, em projetos interdisciplinares para otimizar os tempos de aula e oferecer novos métodos de ensino. Segundo a professora, assim se deu o procedimento de elaboração do mesmo:

Outro dia, eu estava conversando com o [professor] Rafael Arosa e ele perguntou ‘Quais foram os caminhos? De onde surgiu? Quais foram as escolhas que você fez para construir os projetos? Por que um setor e não o outro?’ Por amizade. Sério, pode ser muito arbitrário, e é arbitrário, se você falar que sala de aula não é arbitrária é mentira! Sala de aula é arbitrária. Os projetos deram certo com os professores que já tinham um mínimo de afinidade, porque se você trabalha com uma pessoa que não conversa contigo, num projeto, sinceramente, não vai dar certo. Teve gente que eu me tornei amiga no processo e eu falo ‘Nossa! Amei trabalhar com você! Não conhecia e deu super certo!’ (FERNANDES, 2021)

Faz-se necessário atentar-se ao vocabulário empregado pela professora, uma vez que a mesma se utiliza de expressões como “desespero” e reforça a importância de uma equipe qualificada e dedicada para contornar as adversidades deste mesmo desespero descrito pela professora Paula, no processo de transição de um modelo presencial para o modelo online. Isto se reforça pela afirmativa seguinte “você trabalha melhor ou pior de acordo com a equipe, sabe?”

A dimensão coletiva tratada pela professora também referencia as relações de afeto, que compõe o ambiente escolar tanto quanto o currículo em si. Evidencia-se aqui sua ênfase a esta dimensão ao discutir a origem do projeto.

6. O PROCESSO PRODUTIVO DO PROJETO

Abro esta seção trazendo relatos da professora Paula Fernandes, nos quais trata do cotidiano desde antes da pandemia até o ano de 2021, quando foram realizadas as entrevistas. Percebe-se a maneira com que descreve o Colégio de Aplicação como um ambiente de trabalho que abre mais portas para experimentos e ideias criativas, inovadoras e alternativas que possam contribuir com o andamento do conteúdo em sala.

Muitos amigos meus que eram de outras redes tiveram esse desespero, que não é um desespero... A sensação que eu tenho é que, dependendo do lugar em que você trabalha, você trabalha melhor ou pior de acordo com a equipe, sabe? A equipe faz a escola. Então, quando se tem uma direção que entende que a sala de aula é feita do momento, do caos, da criação, do instante, do ao vivo, do improvisado também tem um quê de improvisado, e te dá uma margem de manobra para improvisar e para se refazer e não chegar com tanta coisa pronta; isso permite que a gente seja muito mais criativo e que abre espaço para o diálogo, sabe? (FERNANDES, 2021)

Percebe-se na fala da professora a necessidade da autoria e autoridade da figura docente em sala de aula. Aqui, ela inicia suas críticas ao modelo mercadológico que vem ganhando força no Brasil, focado em questões de vestibular e editais vazios de relevância para os alunos e professores.

Quando a gente fica muito preso ao currículo, ao modelo das escolas-curso, ao modelo de uma prova final, como é o caso desses cursinhos pré-vestibulares, o professor fica muito travado e a aula fica muito em caixinha (...) E aí quando a gente muda de um modelo para o outro, literalmente do dia para a noite, porque foi isso, em quinze dias, todo mundo tinha que ter uma saída, as escolas particulares sofrem uma pressão muito grande das famílias, porque são particulares e, em tese, as famílias têm acesso a tecnologia, então falam ‘olha, o meu filho tem quarto, tem computador, tem isso, se vira para dar aula!’; tenho um amigo que dava vídeo aula, uma aula de quinze minutos e a galera virava a noite preparando roteiro (...) É como se os professores tivessem que dar uma resposta, assim, urgente, para algo que a gente não estivesse preparado com uma pouca margem para criatividade. E a criatividade é que faz a graça da sala de aula, né? (FERNANDES, 2021)

A professora reforça, aqui, sua crítica conteudista ao modelo que vem ganhando destaque nas últimas décadas, em especial para atender uma determinada classe social mais abastada. Entra aqui uma consideração pessoal de que, conforme aumenta a renda média da população, mais interessada em resultados e menos em processos, ela se torna. Com isto, quero dizer que os responsáveis se atrelam a vagas em cursos e vestibulares sem preocupar-se com o processo cotidiano e o aprendizado real de seus filhos.

Tornam-se, assim, organismos reprodutores de meias ou falsas verdades que aprenderam a aceitar e, assim, deveras perigosos para a saúde política e econômica do país. No entanto, este é outro assunto que não pretendo concluir particularmente nesta monografia.

A sensação que eu tive no CAp, olhando para a experiência dos meus colegas que estão na rede privada, é que o Colégio de Aplicação tomou um tempo para debater coletivamente, entre a escola, o que era possível, e esse tempo não é medido cronologicamente, né? Porque, para alguns setores curriculares do CAp, foi muito pouco tempo, para outros setores, foi tempo o suficiente, para os pais, foi tempo demais, para o Ministério Público... Então esses tempos, eles são o mesmo tempo cronológico, mas essa percepção é muito diversa. (...) [esses modelos EAD da rede privada pré pandemia] são modelos pré produzidos. Essa plataforma é um apoio à sala de aula presencial. Esses cursos que já faziam monitoria virtual reproduzem um currículo e uma estrutura curricular que é muito engessada, que é das provas, sejam exames para Ensino Médio e Superior ou exames, tipo Pedro II e esses preparatórios, CAp, Colégio Militar. Então, quando os alunos têm que seguir isso no dia a dia, os alunos não aguentam. É uma idade em que não dá para você não ter o contato com o outro. (FERNANDES, 2021)

Como o agravar-se da crise pandêmica que alastrou o globo em 2020, prolongada ao ano seguinte, afetou as dinâmicas em sala de aula, agora virtual, e sua qualidade? Como crianças e adolescentes reagiram ao isolamento social da sala de aula e às restrições sócio espaciais de um período pandêmico?

6.1 O reencontro com o, agora, oitavo ano nas dadas condições de ensino on-line

Como pode-se imaginar, o ensino, em especial o ensino público fora intensamente afetado pela pandemia de 2020. Desnorteadas, as escolas do país pareciam sem reação às novas condições. A professora Paula Fernandes comentou sobre o retorno, a priori presencial e, posteriormente, remoto das aulas com sua antiga turma:

O oitavo ano, que foi o sétimo, que hoje é o nono, sabe? Amorzinho da minha vida! Se você chegar com algo muito pronto, muito enferrujado, aí você fica com eles quinze minutos, depois cada um vai para um lado e o pessoal se desinteressa, ainda mais em um modelo remoto, em que eles estão de câmera fechada, a gente não sabe o que eles estão fazendo atrás da tela, às vezes, atrás da tela, tem uma criança na frente de um computador, com o cachorro latindo, o irmão gritando, sabe? Alguém da família lavando louça, se preparando para ir para o trabalho: um caos! E a gente não tem como saber o que está acontecendo, porque eles ficam de câmera fechada, então a gente perde muito a atenção deles (FERNANDES, 2021)

Cabe aqui um comentário sobre a sintonia da professora e do oitavo ano que pude testemunhar e poucas vezes vi igual. Uma turma extremamente carismática e uma professora de igual carisma que se conheceram em situações adversas, mediante a saída do professor Renato. O cenário indicava o desastre, e assim pareceu no começo, confesso. No entanto, a professora ganhou a turma a cada dia e a recíproca foi verdadeira e percebe-se em suas palavras a saudade verdadeira de quem ama o que faz e ama estar com quem se está. Confesso que eu também sinto falta do oitavo ano e de todos os alunos, cujos nomes mantereí em sigilo por respeito a suas privacidades.

Eu estava com muita saudade deles e agora estou com muita saudade deles. Muita mesmo. Foi muito bom ter voltado presencial, em algum momento... Eles crescem, eles ficam ‘abraçantes’”E aí a gente começou a trabalhar o conteúdo de região, que é um conteúdo mais duro, né? Que era trabalhar conceito e categoria da geografia, então foi todo esse esforço de ver o quanto o conceito, uma categoria, a gente conseguiria fazer essa mediação para ir trabalhando. A gente fez atividade física ‘vamos separar a turma em grupos!’ ‘quais são os critérios?’ ‘A gente estava nesse debate dos critérios, né? Para entrar nos critérios econômico, para falar das regiões. Enfim, aí suspenderam tudo. Eu já estava sentindo que eu não ia conseguir dar conta do conteúdo de região muito rápido. Porque é uma turma que é muito diversa e tinha uma galera que pegava o bagulho num estalar de dedos e um pessoal que ficava meio assim... ‘Não sei se eu entendi

aonde você está querendo chegar...’, sabe? E, enfim, eu estava nesse mergulho de outras formas de chegar, né? Chegar todo mundo junto num lugar. (FERNANDES, 2021)

A professora trata das disparidades que ficarão mais claras mais à frente de uma turma extremamente heterogênea, com alunos de alta capacidade de absorção de conteúdo normativo e outros com grandes dificuldades colocados em um mesmo ambiente e convivendo há anos em uma determinada sintonia. O que ela cita como “separar em grupos” seria separar por grupos de classes sociais e afinidades. No entanto, vale ressaltar que muitos destes laços de afinidades são reforçados por inclusão e exclusão de alunos de aprendizado mais ou menos veloz. Lembro-me, aqui, em meu período de estágio, de determinados alunos que manterei anônimos, que se reuniam em grupos dos “espertos” e conversavam e brincavam em aula, atrapalhando o andamento da mesma e prejudicando os demais colegas que careciam de mais tempo e atenção para compreender o conteúdo.

Só que eu só peguei a [turma 18] B, então eu estava trabalhando com a [turma 18] B e a Sarah estava trabalhando com a [turma 18] A, aí suspendeu com um mês e pouco de aulas, não chegou a ser muito. Eu cheguei a trabalhar com o nono [ano] também. E aí, quando entrou no remoto, a gente estava com muita saudade, né? Aí eles abriam a câmera ‘Ah, Fulano, Beltrano...’ ‘não sei o quê, fofinho...’ e com o nono [ano], não tinha essa entrada, então eu tive essa sensação de que o ensino remoto com a turma que eu já tinha intimidade, eu conseguia chamar pelos nomes e, sabe? Uma pessoa que é muito falante e está em silêncio, você fica atento, tiveram estudantes assim, que eram super participativos em sala, pessoas superinteligentes e o ser humano não entregou nenhuma atividade assíncrona. Sabe? Mal respondia a chamada e eu falava ‘Gente, o que está acontecendo com Fulano?’ , aí, no final, no Conselho de Classe Final, na recuperação da recuperação, a pessoa falou ‘Ah, professora, não estava conseguindo, não consegui assistir, não estava conseguindo!’. Aí, quer dizer, o que é que isso, para mim, batia? Eu já conheço a turma, eu sei o que é que está esquisito aqui, né? Você já consegue chamar a pessoa no final da aula e falar ‘Fulano, o que é que está acontecendo? Você não é assim!’ ou ‘Poxa, eu sei que está muito difícil, mas será que a gente pode ajudar, vocês precisam...’ e o nono ano não foi assim. (FERNANDES, 2021)

Segundo a professora, há uma grande diferença na recepção do ambiente virtual por parte do oitavo e nono ano, perceptível por todo o corpo docente.

A gente fazia atividades com um grupo de professores que era muito ‘fechamento’, que eram só substitutos, e aí eu dava aula com a Carol, de Desenho, direto. E toda aula, a gente falava ‘Gente, vocês precisam falar o que está acontecendo, vocês estão de câmera fechada, a gente não sabe o que está acontecendo! Sabe? Os professores reclamam da turma porque vocês não abrem câmera, vocês não

fazem nada, a gente quer saber de vocês, o que está acontecendo, fala o que não está entendendo, a gente explica de novo, a gente explica de novo, a gente explica de novo, de novo e de novo, mas fala!’ E aí, às vezes, eles se colocavam ‘Ah, está muito rápido! Não, repete de novo? Não entendi a atividade!’, mas sempre a gente tendo que puxar muito e é muito mais difícil você ficar puxando um aluno que você nunca viu. (...) então, essa transição com o oitavo foi doída, porque é uma turma que é muito intensa, né? Mas, por outro lado, eles interagiam bastante. Era uma turma que interagiu muito. Muito mais do que outra experiência no remoto. (FERNANDES, 2021)

Entra aqui uma consideração sobre como muitas das escolas e dos projetos estudados para o estudo de caso deste projeto não reagiram tão bem como o Colégio de Aplicação, o oitavo ano e a professora Paula Fernandes. O empenho desmedido de todas as partes tornou o processo mais orgânico, rápido e dinâmico, de maneira pouco antes vista em condições semelhantes em outros estudos de caso.

Trago, como exemplo, a efeito comparativo, um estudo realizado em um colégio em Jucás, Ceará em que os autores traçam um Raio X da metodologia de ensino dos colegas professores e sua adesão às novas Tecnologias de Ensino por motivos didáticos por meio de um questionário avaliativo, de maneira análoga à implementada neste projeto.

A seguir, os professores foram indagados se foi durante a pandemia por COVID-19 que os docentes tiveram o primeiro contato com a atual plataforma de ensino. Em suma, cerca de 60% dos participantes afirmaram que sim. Esse resultado enfatiza a necessidade da capacitação desses profissionais, de modo que, como foi citado, o professor tem a constante necessidade de manter-se atualizado (NASCIMENTO; ALEXANDRE; BEZERRA; PEREIRA in DESAFIO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA NO INTERIOR DO CEARÁ; disponível em CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA E ENSINO EM CIÊNCIAS, 2020)

Podemos traçar uma conexão entre o espaço e o indivíduo no que se refere ao ensino, em especial de jovens, cheios de energia e necessidades psicossociais de interação com seus colegas?

Diversas considerações podem e devem ser feitas acerca do papel do corpo no processo de aprendizagem, em especial no que se refere às diversas metodologias presenciais e remotas de ensino e como ele pode afetar os alunos dentro e fora de sala.

Faz-se necessário compreender os diversos processos sócio espaciais que permeiam e envolvem o corpo humano em uma sala de aula, seja ela entre quatro paredes ou através de uma tela. Para tal, precisamos visualizar os mesmos processos que se desenvolvem dentro e fora de sala de aula e, de tal forma que a escola pode ser encarada como uma microssociedade, onde diversos sujeitos buscam conviver em harmonia, estes mesmos processos ocorridos na sociedade brasileira se estendem e se espelham em sala.

Para ROCHA (2019), diversas logísticas de poder podem ser visualizadas segundo a perspectiva espacial, configurando a eles o caráter de território ou territoriais e, da mesma forma, estas podem se reproduzir entre os portões de um colégio.

Se aprendermos com os movimentos das mulheres indígenas latino-americanas, entenderemos a potência do corpo-território como argumento de nossas pautas. Aqui entra em questão a dimensão material e imaterial do espaço-tempo no currículo. Inspirado numa esperança de outro olhar sobre o território, nosso exercício é reinventar ou reforçar uma proposta curricular em torno do argumento corpo-território. (ROCHA, Corpo-Território como Argumento Curricular de Resistência, 2019)

São crescentes os casos de denúncias de grupos marginalizados da sociedade brasileira marginalizando-se ou sendo marginalizados nas escolas do país. No entanto, poucas são as instituições que abraçam a causa destes grupos e formam movimentos de resistência, como o caso do Colégio de Aplicação, como o caso do CApretos.

Vale ressaltar que, como ex-aluno formado pelo colégio no ano de 2014, movimentos de conscientização em prol de causas raciais e de gênero, como vistos hoje na escola, tinham pouco ou nenhum espaço de visibilidade há alguns anos. Vem à mente um episódio em 2012, em que alunas do colégio foram repreendidas na entrada por frequentarem as aulas em roupas consideradas “impróprias”, como shorts acima dos joelhos. Como resultado e prova de resistência, inúmeras alunas, inclusive colegas minhas, uniram-se e enfrentaram a rechaça, trajando shorts e saias, em sinal de liberdade do corpo e de expressão.

Episódios como este são corriqueiros, beirando a banalidade em diversas escolas brasileiras. Em movimentos de maior ou menor escala, vemos a lógica disfuncional que impera no ensino, que, tal qual espelho da sociedade fora da escola, privilegia homens cis-héteros-brancos de classes sociais mais abastadas.

Sendo assim, negar o papel e influência do corpo humano, em especial o discente, no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem é negar o óbvio. Isto pôde ser observado em sala em diversos momentos, com a extensão do conteúdo “corpo humano” aos debates raciais, de gênero, sociais, e qual seria o papel do indivíduo enquanto ser pensante e seu corpo enquanto instrumento social na sociedade em que ele habita.

Portanto, pretendo estender esta afirmativa à questão, não somente de raças e etnias e de gênero como a questão de classes sociais, que é indissociável das anteriores, embora meu enfoque seja dado à última.

Como aponta um artigo de Danilo Zajac, coordenador e mestre pela Escola Preparatória da UFABC (EPUFABC) na revista da escola: “educar é garantir aos jovens o seu pleno desenvolvimento, a partir de ‘igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (...) requer interação social, afeto, humanização.’” (ZAJAC in Ensino Remoto na Educação Básica 2020)

Desta forma, para ZAJAC (2020), o ensino básico deveria ater-se à modalidade presencial, desconsiderando a questão pandêmica que assolou o globo em 2020. Diante

deste fato e concordando com o autor, percebo que se faz necessária uma nova abordagem para a educação à distância brasileira. Neste sentido, um projeto educacional pós-pandemia deveria primar por uma abordagem mais centrada no e na estudante, em resumo, atenta aos desafios que cada um e cada uma enfrentaram fora da escola, durante o período remoto.

Recorro ao autor para reiterar o argumento acima:

Enfrentemos juntos o primeiro dilema: a burocracia que envolve o cumprimento dos documentos curriculares impede que as redes de ensino compreendam o real sentido da educação básica (...) A responsabilidade pelo aprendizado continua a ser da escola e dos professores, mas assim como nas relações de mercado, quem vende a mercadoria, onde se vende e como se vende não é tão fundamental, desde que ela seja oferecida com suposta qualidade. Em outras palavras, as relações escolares que envolvem vínculos afetivos e socialização ficam em segundo plano, já que o objetivo mercantil de uma escola é que os conteúdos curriculares sejam ‘ensinados’ (ZAJAC in Ensino Remoto na Educação Básica, 2020)

Embora seja notória a resistência de determinados colégios, como o Pedro II e, principalmente, o Colégio de Aplicação da UFRJ, meu objeto de estudo, esta resistência parece mais frágil à concepção mercadológica de ensino, seja ele remoto ou presencial.

Poucas são as instituições, como as citadas, capazes de oferecerem um ensino de qualidade igual ou superior ao ensino privado com as condições e estruturas relegadas pelo poder público. E, democráticas como são, estas instituições preocupam-se com a inclusão de estudantes de mais diversas origens e personalidades para formar um convívio saudável, capaz de integrar, e não excluir.

No entanto, apesar de o CAP também possuir certas características parecidas até mesmo com o de algumas escolas privadas, como possuir diversos mecanismos de segregação (por exemplo, a competição entre smartphones em sala de aula), em média todos os seus alunos dispõem de recursos para manter-se remotos durante 2020. Cabe sublinhar que atualmente o Colégio de Aplicação apresenta diversidade racial e social do corpo discente. Em resumo, alguns alunos certamente terão aparelhos e condições das mais diversas (luz, internet, computadores ou celulares e condições de moradia) para frequentar os encontros on-line, enquanto outros possivelmente não contam com as mesmas possibilidades.

Contudo, a qualidade da educação, para além de depender dos insumos e da valorização de seus profissionais, depende muito de fatores socioeconômicos. Vivemos em um país onde 31,1 milhões de brasileiros (16% da população) não têm acesso a água fornecida por meio da rede geral de abastecimento; 74,2 milhões (37% da população) vivem em áreas sem coleta de esgoto; outros 5,8 milhões não têm banheiro em casa; 11,6 milhões (5,6% da população) vivem em imóveis com mais de

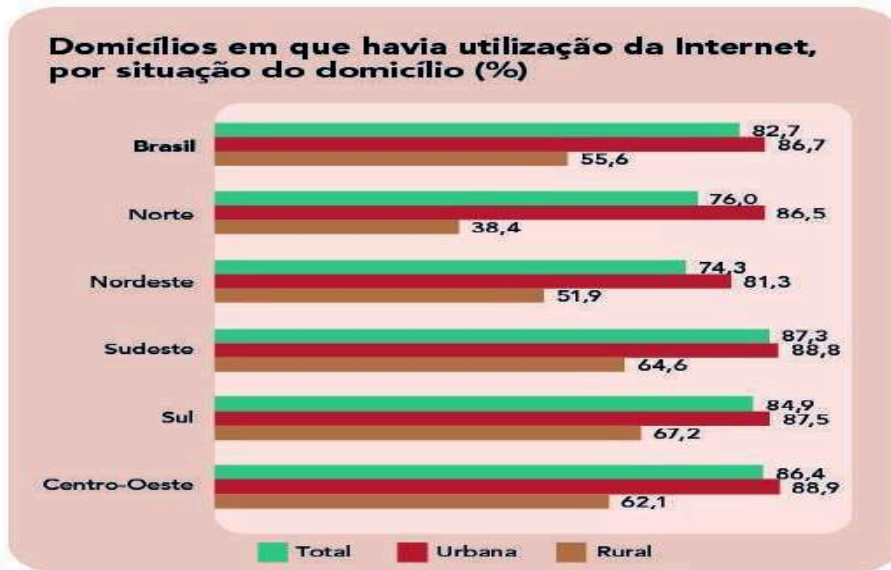
3 moradores por dormitório e 3,5 milhões de pessoas vivem com até R\$ 145 por mês. Falar em qualidade da educação sem olhar para esses dados é quase desumano. Se vamos pensar em EaD, a situação também não é animadora. Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2018, apenas 42% das casas brasileiras tem computador; 85% dos usuários de internet das classes D e E acessam a rede exclusivamente pelo celular e somente 13% se conectam tanto pelo aparelho móvel quanto pelo computador. É uma realidade que já prejudica a garantia do Direito à Educação em condições normais. (ZAJAC in Ensino Remoto na Educação Básica, 2020)

Como aponta BELLONI (2002), este processo se torna mais notável em países ditos “subdesenvolvidos” ou “em desenvolvimento”, marcados por grandes disparidades político-econômicas e, ao que tange a pesquisa, de acesso a dispositivos tecnológicos que lhes permitam navegar pela rede virtual de computadores e eletrônicos.

Ainda segundo BELLONI (2002), isto se dá pela industrialização abrupta e extremamente polarizada em meados do século XX, que “privilegiou” algumas cidades, configurando-as como polos econômicos e tecnológicos e relegou as demais à condição de suas serventes, exportando recursos materiais e humanos para as metrópoles e suas regiões metropolitanas.

Estes *bolsões tecnificados*, como cita a autora, importam as principais desvantagens do estágio de desenvolvimentos, sem incorporar as principais vantagens.

Nos países subdesenvolvidos, porém industrializados e altamente urbanizados; pobres e atrasados cultural e politicamente, mas com *bolsões tecnificados* e globalizados; nesses países as contradições e as desigualdades sociais tendem a ser agravadas pelo avanço tecnológico. São aqueles países que, tendo sido compelidos a importar os piores malefícios do desenvolvimento (poluição, devastação ecológica, concentração urbana), não puderam exigir ao mesmo tempo os benefícios (o avanço social e político) e continuam sofrendo os problemas típicos de sua situação tradicional (estrutura agrária arcaica, política oligárquica, desemprego estrutural, ignorância, exclusão e miséria), agravados de modo inédito na história pela eficácia tecnológica. Para ilustrar este agravamento pensemos, numa metáfora, na motosserra e no machado em ação na Amazônia. (BELLONI in Ensaio Sobre a Educação à Distância no Brasil, 2002)

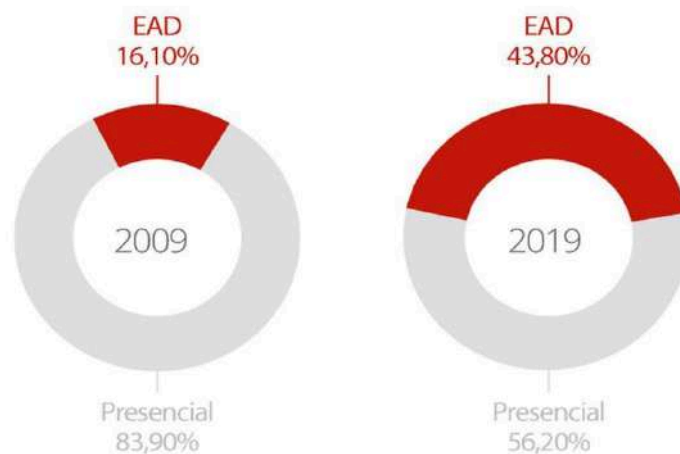


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Figura 4 - Estimativa por região do percentual de domicílios com acesso à Internet no Brasil. Fonte: IBGE – Diretoria de Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019

Novos alunos em EAD x presencial

Proporção de ingressantes no ensino superior, por modalidade



Fonte: Censo de Educação Superior (Inep)

Infográfico elaborado em: 22/10/2020



Figura 5 - Crescimento do Ensino a Distância em cursos superiores no Brasil. Fonte: Associação Brasileira das Mantenedoras das Faculdades, 2020.

Logo, não se pode ignorar a influência e importância do estudo de questões sociais para compreender o verdadeiro estado da educação brasileira, em especial o ensino remoto, foco deste projeto. O acesso a técnicas e tecnologias é de suma importância em um mundo cada vez mais *tecnificado* e tecnológico regido por uma lógica mercantil de constante aprimoramento. Isto implica em lançamentos anuais de novos telefones, computadores, *tablets* e, conseqüentemente, a desatualização daqueles mais antigos que, até então, funcionavam perfeitamente bem. Este processo, conhecemos como obsolescência programada.

E mesmo que não fosse por este movimento, a lógica de capital pressupõe que, para um lado usufruir de serviços e bens de extrema valia e valor agregado, o outro lado será privado de acessá-lo, pois os recursos são finitos. Logo, em um mundo onde há 100% de riquezas e uma pequena parcela toma a frente das demais e se apropria de 99% dessas riquezas, resta à maioria conviver com 1%.

Desta forma, nesta analogia distópica e desproporcional do capital, podemos perceber que, em se tratando da vida real, enquanto uns terão acesso a tecnologias de ponta para uso profissional, educacional ou até mesmo para lazer, outros terão pouco acesso a tecnologias já defasadas e outros sequer terão acesso.

6.2 A reação do oitavo ano às novas condições de sala de aula

Abro esta seção recorrendo novamente à professora Paula Fernandes para reforçar os impactos educacionais, sociais, comportamentais e psicológicos gerados aos alunos.

Olha, como eu já conhecia a turma, deu para ir percebendo possíveis alterações ou não. No presencial, quando a gente fala de critérios socioeconômicos, por exemplo, né? A gente percebeu que tinham alunos que tinham mais dinheiro, outros, menos dinheiro. Muitos alunos do oitavo ano receberam auxílio tecnológico, né? De chip... E o que eu percebi é que, presencialmente, ainda que as questões socioeconômicas e raciais, elas se façam presentes na sala de aula, elas eram menos desiguais presencialmente do que remoto. (FERNANDES, 2021)

Na afirmação acima, a docente compara as condições materiais dos alunos nas duas situações: remoto e presencial. Percebi, então, que a desigualdade social no remoto aprofundou as condições materiais e imateriais para aprendizagem. Este aspecto, para mim, reforça os argumentos já tratados neste texto. O impacto da acessibilidade e letramento digital na educação remota.

Podemos perceber que a disparidade sócio econômica do colégio começava a afetar o acesso dos alunos. A atitude da escola de proporcionar meios de acesso aos alunos menos favorecidos permitiu que muitos deles pudessem se manter atualizados. No entanto, há mais questões envolvidas no que tange a conectividade do que apenas os aparelhos. Variáveis urbanas como áreas de influência de milícia e poder paralelo e da oferta de serviços de comunicação na cidade e da região metropolitana são fatores chave para compreendermos o desenvolvimento dos alunos ao longo do ano letivo.

Então, a gente percebeu que estudantes que tinham dificuldades, sei lá, que não eram de uma classe média CAPiana, né? -Uma galera que tinha mais dinheiro do CAP, essa galera não conseguiu assistir tantas aulas. Não consegui assistir tão bem. É uma internet que cai todo dia. Sempre os mesmos alunos estavam com internet caindo, a gente sabia que era a internet que estava caindo, não era 'migué', sabe? E são estudantes que ficam com mais dificuldades de se colocar. Eram estudantes que, em sala de aula, falavam, interagiam, levantavam, riam, faziam piadas... Você sabe que tem aquela galerinha que se movimenta bastante, e tal... E que a turma gosta! Falam com um, falam com outro... **Quando essa pessoa está com a internet caindo, ela não se comunica. Porque ela perdeu o fio da meada da aula, sabe? E é**

muito difícil. A gente sentia isso. (...) dá uma tristeza, porque desmotiva o estudante. (...) (FERNANDES, 2021)

Acima, grifei um dos impactos emocionais da desigualdade material na educação remota. Ao se silenciar, por conta da internet, o aluno se distancia também do processo pedagógico. A perversidade desta situação pode impactar e gerar danos à saúde mental do adolescente.

A professora ressalta as dificuldades socioeconômicas de uma turma que serve como parâmetro de reflexão para um colégio igualmente heterogêneo. O Colégio de Aplicação tem, por princípio, abrigar pessoas de mais distintas origens, sem qualquer tipo de discriminação, oferecendo-lhes as melhores e mais igualitárias condições de ensino possíveis. É um verdadeiro exercício de aprendizado de convivência com as diferenças, estudar no CAP, algo que me orgulha profundamente e que vejo em muitos destes alunos.

A pessoa fica muito desestimulada, né? Não quer abrir a câmera, porque, às vezes, tem irmão, ou está dividindo o cômodo com outra pessoa, enfim... E aí, uma galera que já tinha uma estrutura, que a gente via que tinha uma estrutura, conseguia, tava muito tranquila, acompanhava tudo com muito mais estrutura tecnológica, mesmo. Então, o ensino remoto, ele vai acirrar essas desigualdades, sim. Porque o acesso à tecnologia, por mais que haja o auxílio da escola, é muito desigual na cidade. Muito. Isso entre os professores mesmo. (...) O auxílio chegou, mas, às vezes, é um chip que, quando chove, olha... Isso era muito! Chovia, metade da turma não conseguia ter aula. E não é ‘zoeira’, né? Porque a cidade tem um aparato tecnológico diferente por bairros. (FERNANDES, 2021)

Podemos perceber que as condições socioeconômicas têm influências diretas e profundas na participação de alunos em salas de aula virtuais e, portanto, terão graves consequências em seu desempenho ao final do ano letivo. E, por mais que o Colégio ofereça chips para suprir as necessidades de alunos mais carentes, jamais suprirá a disparidade de renda e status social que pode prejudicar os alunos que, um dia, tiveram grandes resultados e que, com o andamento das aulas remotas, passam a perder o ânimo e interesse, desmotivando-se e correndo o risco de evadir-se da escola, como muitos jovens o fazem por condições semelhantes.

6.3 Interdisciplinaridade: desafios e objetivos

Cabe aqui um parêntese em que devo ressaltar minha perspectiva sobre o modelo de ensino dito “tradicional”. Entendo que uma aula “padrão” é uma reciclagem dos moldes iluministas que têm, em sua essência, um anfiteatro italiano como palco, onde o professor, ou a figura de luz, iluminaria os alunos (sem luz) e os encheria de conhecimento. Da mesma forma, os valores pouco mudaram desde então e, apesar de diversas reformas curriculares, tendo, em outros tempos, a disciplina geográfica contido a astrologia, que hoje “pertence” às ciências, o núcleo permanece o mesmo.

Sendo assim, reproduzimos dizeres e fórmulas seculares repaginadas na esperança de terem novos efeitos em gerações completamente diferentes das anteriores. As novas gerações estão intrinsecamente conectadas, foram nascidas e criadas no meio digital. Logo, podem encontrar qualquer informação num piscar de olhos em um portal de ensino ou em vídeo aulas na internet. Eu mesmo já o fiz inúmeras vezes enquanto aluno do ensino médio.

Isto, pois os jovens contemporâneos têm pouco interesse em conteúdos pragmáticos didáticos. Muito mais lhes interessa seus vídeos de *react* coloridos e seus *memes*. Então, como transmitir aos jovens os conhecimentos escolares? Seria repaginando mais uma vez o conteúdo, aderindo ao uso de *memes* e vídeos coloridos? Não necessariamente. Embora efetivo, este método pode ser limitado e finito, esgotando-se em pouco tempo.

Uma solução que perdura e apresenta ótimos resultados, como veremos neste trabalho, é a viabilização de projetos interdisciplinares. Com eles, abrem-se novos leques de questionamentos e desafios, os quais os alunos agora devem resolver, fugindo do lugar comum e despertando seu interesse.

DEMO (2007) apresentou o conceito de currículo intensivo como uma proposta alternativa ao modelo de organização curricular segmentado. De acordo com o autor, a estrutura de conteúdos compartimentados e desconexos favorece a mera transmissão de conteúdos, a qual é amplamente adotada na aula expositiva tradicional. Segundo o autor, o currículo intensivo tem como alicerce a educação pela pesquisa e a ressignificação da relação entre professor e aluno. Nesta abordagem, a relação dialógica entre estudante e professor é ampliada, onde a constante interação e questionamentos são adotados ao longo do processo educativo. O que, na perspectiva deste trabalho, pode ascender a uma mediação pedagógica mais rica. O foco do currículo intensivo está na interdisciplinaridade como proposta educativa. (SEVERO in Os Efeitos Educativos de Práticas Pedagógicas Interdisciplinares Baseadas em Projetos na Educação Profissional e Tecnológica, 2018)

A utilização destes projetos com os recursos audiovisuais como vídeos e *memes* certamente tem efeito exponencial e cativa os alunos, despertando seu interesse e afeto pela disciplina e pela escola, solucionando alguns dos problemas que veremos mais à frente.

No entanto, cabe outra ressalva: Em um contexto virtual, no qual os alunos estão inseridos diariamente no ambiente digital, que, se considerarmos epistemologicamente por conceitos geográficos, podemos chamar o ambiente digital de espaço? Afinal, é uma porção de “espaço”, por si só, a qual possui domínios (links), que podem se associar a territórios pela noção da posse do nome daquele site. Aquele é o domínio de um site, e não o de outro e vice-versa. E, assim, as pessoas criam vínculos de afeto com seu espaço, criando seus próprios lugares dentro do grande ciberespaço que, quiçá possamos chamar de espaço.

Para SANTOS (2000), em publicação de 2000, não é bem assim. Para ele, findo século XX, a nova perspectiva de espaço virtual pressupunha um trabalho imposto para ser considerado espaço, de forma que o “espaço” virtual era meramente reflexo do espaço real, pois não possuía trabalho por si só, mas apenas uma exposição dos trabalhos realizados no “mundo real”.

Quanto ao espaço virtual, devemos nos lembrar de que a realidade do espaço supõe trabalho, por isso ele não é apenas material ou físico e está sempre ganhando novas definições substantivas com as mudanças históricas. Aliás, o espaço supõe um trabalho que é sempre multidimensional.

O espaço virtual em si mesmo não é trabalho, mas pode ser uma sua condição. O espaço virtual apenas permite comunicar o resultado de um trabalho real, multidimensional. Condição imutável do trabalho, portanto unidimensional, apenas autoriza o trabalho, mas não o constitui. Sem dúvida, ele se apoia no espaço real, genuíno, de nossa definição como geógrafo, mas ele próprio não é espaço (SANTOS in Há Mesmo um Espaço Virtual, 2000)

No entanto, se considerarmos que, em 2021, há uma sobre oferta de trabalhos online, como aulas inteiramente online (projetadas, desde o princípio para o meio virtual), podemos, finalmente, chamar o meio virtual de espaço dadas as características acima?

Partindo do pressuposto que sim, o espaço virtual é familiar aos jovens e adolescentes, que passam horas a fio online nas mais diversas atividades, de vídeos a leituras (alguns consideram esta a nova literatura do século XXI).

Logo, tendo alunos integral ou parcialmente inseridos nos meios digitais com as mais novas tecnologias, a utilização de meios conectados e informais se mostra uma forma de captar seu interesse e propor atividades interessantes para uma faixa etária que, por diversos estudos psicológicos, tende a perder o foco e a concentração com mais facilidade que as demais e necessita de desafios práticos e pertinentes?

Como já abordado anteriormente, a interdisciplinaridade surge como solução viável e ideal para o caso.

Segundo FAZENDA (2002), o pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. Assim, por exemplo, aceita o conhecimento do senso comum como válido, pois através do cotidiano que damos sentido a nossas vidas. Ampliado através do diálogo com conhecimento científico, tende a uma dimensão maior, a uma dimensão ainda que utópica capaz de permitir o enriquecimento da nossa relação com o outro e com o mundo. No mundo atual, moderno e informativo o professor já não é mais o provedor de conhecimento, agora ele atua como mediador da aprendizagem. Deve provocar e questionar o aluno, levando-o ao sucesso de suas pesquisas e consequentemente suas respostas desejadas. A escola compreende professor e aluno, envolvidos emocionalmente, a essa junção só surgirá aprendizagem se o professor lançar desafios e o aluno ser capaz de enfrentá-los. (BONATTO; BARROS; GEMELI; LOPES; FRISON in Interdisciplinaridade no Ambiente Escolar, SEMINÁRIO DE PESQUISA DA REGIÃO SUL, 2012)

No entanto, como veremos neste trabalho, faz-se necessária a cautela docente no que se refere à abordagem dos temas selecionados, em especial no dito espaço virtual, uma vez que o distanciamento físico inviabiliza, senão completamente impossibilita a administração de imprevistos em sala de efeito negativo. A professora Paula trouxe alguns casos em que esta inserção digital foi, por vezes, benéfica, e, por vezes, maléfica ao andamento das aulas.

6.4 Os principais desafios enfrentados com o oitavo ano à distância

Muitos são os desafios impostos pelo ensino remoto. Aqui, a professora discorre mais a fundo sobre estes.

Os estudantes estão, agora, *full-time* na internet e os responsáveis não têm acesso ao que eles acessam, né? Não têm controle ao que eles recebem e... Sei lá, isso se reflete na sala de aula, isso se reflete na escola. Então, a gente tratou, por exemplo, de questões de gênero e sexualidade nesse projeto de corpo. Nossa! A gente passou muito perrengue! Eles entravam com um nome falso, aí, depois, a gente descobriu quem era, mas assim, durante muito tempo. Aí, um entrava com nome falso, aí os outros perceberam como é que fazia e ficavam bombardeando, principalmente nas aulas em que a gente tratava de gênero e sexualidade. Então, esses temas sensíveis, eles se tornaram muito mais difíceis de serem trabalhados porque a gente não tinha o controle ‘disciplinar’ dos estudantes. E os responsáveis não faziam a menor ideia de como é que se controla disciplinarmente um filho que está sentado na frente do computador. Tem essa questão geracional, tem essa questão de não ter malícia tecnológica, também, né? Cara, qualquer adolescente entra em um tutorial do *YouTube* ‘como *trollar* a aula do seu professor’. Isso aconteceu em várias outras escolas, mas, com a gente, aconteceu, principalmente nos temas de gênero e sexualidade. Coisa que, se estivesse em sala de aula, você segura uma pessoa e você fala assim ‘Olha, você vai para a DAE (Direção Adjunta de Ensino), porque o seu comportamento é inaceitável!’ Você não chega tocando o *zaralho* na aula, porque era isso que eles faziam, eles entravam na aula, colocavam um som alto e a gente excluía, bania a pessoa. Aí, a pessoa entrava com outro nome, o nome de um outro colega que não estava na aula, botava o som alto... Quer dizer, se fosse em sala de aula, um aluno que chegasse com um radinho e colocasse um radinho alto na minha aula, me impossibilitando de dar aula, eu ia pegar ele pela mãozinha e ia levar até a direção da escola. Fácil, né? Você não deixa uma pessoa entrar ‘sem o rosto’, não deixa uma pessoa não identificada entrar na sala de aula. No espaço virtual, a gente não tinha muito esse controle. (...) E isso acontecia com estudantes que tinham muito mais recursos, enquanto tinham outros que estavam caindo a internet. Tinham estudantes que conseguiam ‘sacanear’ a aula do professor e tinham estudantes que não conseguiam entrar na aula. Caótico. (FERNANDES, 2021)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O momento global é delicado. A economia está fragilizada pela disseminação do vírus pandêmico de 2020 e o mesmo pode-se dizer do estado da saúde e da educação, em todas as esferas de estudo.

Por todo o país, professores têm buscado se adaptar às novas demandas de um mercado subitamente insurgente, que exige um novo modelo de aula, completamente diferente de tudo o que já estudaram e trabalharam antes. Isto nos leva ao caso do Colégio de Aplicação e como o mesmo reagiu à crise.

Confesso que me surpreendi com a velocidade e agilidade com que o colégio soube se adaptar às novas realidades e novas demandas impostas pela pandemia de COVID-19, de um ensino remoto, de maneira que todo o corpo docente, mais especificamente a professora Fernandes, souberam manter padrões de interação e manter o nível de interesse dos alunos, mesmo que à distância.

Diferentemente dos relatos de diversos colegas, os alunos e professores do Colégio de Aplicação souberam se adaptar bem às adversidades impostas pela crise pandêmica do coronavírus, retendo grande parte de seus alunos e propondo atividades de grande interesse para todos os envolvidos.

Após a observação das aulas e findado o semestre, pude traçar as notas finais sobre o projeto em questão. Reitero que não há professor(a) mais qualificado que a professora Paula Fernandes para lidar com o oitavo ano e não há turma mais carismática em todo o colégio. Em minhas experiências em sala de aula em 2019, estagiando, pude perceber o ânimo, por vezes exacerbado, das turmas, o que, se bem aproveitado, pode ser ferramenta crucial para o desenvolvimento e andamento das aulas.

A professora, com sua experiência, sabe bem lidar com o oitavo ano, conhecendo as peculiaridades de cada aluno, sabe usar de sua curiosidade nata e sua vontade de participar, aliada à fase de transição de adolescência em que se encontram e realiza debates em sala provocadores, fazendo com que os alunos se perguntem e reflitam sobre problemas que, outrora, pareceriam irrealis, mas que a professora transforma em tangíveis.

É nítida a afinidade entre a professora e a turma, o que somente agrega à boa transição de modelos de ensino, fazendo com que o oitavo ano do Colégio de Aplicação, ainda mais do que toda a escola, tenha se beneficiado de uma ótima relação com a professora, já vinda do ano anterior, o que viabilizou as atividades dentro e fora de sala e, certamente, serviu como estímulo para professora e alunos.

Desta forma, pude constatar que, ao contrário do que muito se acredita, o ensino público resiste e com qualidade nas mãos de professores e alunos do Colégio de Aplicação que são exemplo de empenho e dedicação e sucesso em suas propostas curriculares, momentaneamente virtuais, no entanto sem perder a excelência.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEHAR in Modelos Pedagógicos em Educação à Distância. Artmed, Porto Alegre, 2009

BELLONI in Educação Social. vol.23 no.78 Campinas Apr. 2002

BONATTO; BARROS; GEMELI; LOPES; FRISON in Interdisciplinaridade no Ambiente Escolar, SEMINÁRIO DE PESQUISA DA REGIÃO SUL, 2012

BOTO in Na Revolução Francesa, Os Princípios Democráticos da Escola Pública, Laica e Gratuita: Os Relatórios de Condorcet. Educ. Soc., Campinas, vol 24, n 84, setembro 2003

CACHINHO in Geografia Escolar: Orientação Teórica e Práxis Didáctica. Inforgeo 15, Lisboa, Edições Colibri

HAESBAERT in Região. Revista GEOGraphia, UFF, Niterói, vol 21, n 45, jan/abr 2019

NASCIMENTO; ALEXANDRE; BEZERRA; PEREIRA in DESAFIO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA NO INTERIOR DO CEARÁ; disponível em CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA E ENSINO EM CIÊNCIAS, 2020

ROCHA in Corpo-Território como Argumento Curricular de Resistência. Revista Teias, UERJ, Rio de Janeiro, vol 20, n 59, out/dez 2019

SARAIVA in Educação à Distância no Brasil: Lições da História. Em Aberto, Brasília, ano 16, n 70 abr/jun 1996

SANTOS in Há Mesmo Um Espaço Virtual, 2000

ZAJAC in Escola Preparatória da Universidade Federal do ABC, 2020